



Efeitos para a saúde humana das radiações emitidas pelos telemóveis

Especialistas longe de qualquer consenso

Afinal, quais os perigos das radiações dos telemóveis para a saúde? Um consenso sobre esta matéria continua longe de ser alcançado

Os efeitos das radiações emitidas pelos telemóveis na saúde humana continuam a dividir os especialistas e alguns acreditam mesmo que nunca haverá consenso sobre esta matéria. “Consenso científico é pedir que haja 100 por cento de certeza e atrevo-me a dizer que isso é impossível, bastando ver os exemplos do aquecimento global, em que há muitas vozes discordantes, ou mesmo das teorias de Darwin, que após 200 anos ainda têm críticos”, refere Daniel Sebastião, investigador do Instituto das Telecomunicações (IT).

A falta de consenso deve-se, entre outros motivos, à dificuldade em “replicar o estudo”, visto que “em ciência, para que um estudo seja considerado válido, tem de ser repetido na mesmas condições e chegar aos mesmos resultados”, uma tarefa



Telemóveis. “É difícil distinguir pessoas expostas e não expostas”, diz Jorge Costa

que se tem revelado “difícil”, por existirem diversas condicionantes, afirma Daniel Sebastião.

“É difícil distinguir pessoas expostas e não expostas, porque hoje em dia há contacto com radiações em todo o lado, seja em telemóveis, rádio ou televisão”, exemplificou.

Jorge Costa, do departamento de Ciências e Tecnologias da Informação do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), refere por seu lado que existem dois tipos de estudos científicos - em animais e epidemiológicos -, mas em ambos existem problemas: “Nos testes realizados em animais coloca-se sempre a questão de o resultado ser ou não compatível com o homem e o tecido humano e nos epidemiológicos a dificuldade é ter uma amostra da população elevada, diversificada e ao longo de um espaço de tempo longo, uma vez que esta questão está relacionada com o efeito da exposição prolongada do corpo humano às ondas electromagnéticas”.

Para Santos Rosa, professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (UC), conclui “sobre aquilo que acontece quando estamos sujeitos à radiação ainda é precoce”, porque os dados obtidos em animais de laboratório

não são facilmente transponíveis para o ser humano. A nível epidemiológico, acrescentou, é difícil conseguir uma população que use e outra que não use o telemóvel, a não ser que se compare “um grupo de uma tribo indígena africana que não receba radiação electromagnética com um grupo de uma população de uma grande cidade” sujeita a este tipo de radiação “permanentemente”. Mesmo assim, “não são grupos comparáveis, porque geneticamente são diferentes, a alimentação não é a mesma e os hábitos de vida são díspares”.

“No último século, no mundo civilizado, a intensidade da radiação electromagnética aumentou 100 mil vezes e, seguramente, o ser humano não está adaptado a esta realidade, porque quando o ser humano se desenvolveu, não existia radiação electromagnética significativa”, salienta Santos Rosa.

Outra questão que surge quando se discute a fiabilidade dos estudos científicos sobre as radiações dos telemóveis é o facto de alguns destes estudos serem suportados financeiramente pela indústria de telecomunicações (fabricantes e operadores), o que poderia implicar influências e pressões nos resultados.

Quantidade de energia que o corpo absorve quando se está ao telemóvel

Utilizadores ignoram o SAR

Entre os critérios para a compra de um telemóvel, raramente o SAR (Taxa de Absorção Específica) é levado em conta pelo consumidor

ticas ou tecnológicas quando tem de escolher um modelo, alertou o especialista Santos Rosa.

O professor catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra (UC) adverte que o utilizador comum ainda não se consciencializou com a problemática das radiações electromagnéticas e dos seus efeitos na saúde humana.

“As pessoas compram os telemóveis por serem bonitos, por terem ou não 3G, porque tem um câmara melhor, tem ou não mp3 e nunca vêem o SAR” (Specific Ab-

sorption Rate - Taxa de Absorção Específica, a quantidade de energia que o corpo absorve quando se está ao telemóvel). “No outro dia, tinha 200 alunos à minha frente e acho que só três viam o SAR”, referiu à Lusa.

Na Europa, o limite de SAR estipulado é de 2,0 watts por quilograma, calculados sobre dez gramas de tecido corporal, o mesmo que em Portugal.

Santos Rosa diz que este é o “chamado limite prudente perante as condições práticas que existem”, nomeadamente a

falta de consenso na comunidade científica sobre os efeitos das radiações electromagnéticas na saúde humana.

O valor de SAR varia consoante o modelo de telemóvel, se o utilizador está numa zona de boa ou má cobertura e, inclusive, um mesmo modelo pode ter níveis diferentes de radiação. “Basta haver uma ligeira alteração no material em que é feito o telemóvel, como a capa, para alterar o valor de energia que a cabeça vai absorver”, refere Daniel Sebastião, investigador do Instituto

das Telecomunicações (IT).

Para Santos Rosa, a radiação electromagnética “pode até ser inócua”, mas trata-se de algo “que não é natural”, pelo que recomenda “bastante cuidado, tendo em conta que um ambiente artificial pode ter consequências que se desconhecem”.

O seu alerta é mais veemente quando estão em causa crianças, aconselhando a moderação no uso do telemóvel “porque a parte cerebral e as defesas imunitárias ainda estão a desenvolver-se”.



ESPECIALISTAS DIVERGEM

Efeitos na saúde do uso de telemóveis sem consenso

Página 9